

FUNDAÇÃO EDUCACIONAL DE ITUVERAVA
FACULDADE DE FILOSOFIA, CIÊNCIAS E LETRAS DE ITUVERAVA

Ana Laura dos Santos Mascote

A AFETIVIDADE NA EDUCAÇÃO INFANTIL

ITUVERAVA

2023

ANA LAURA DOS SANTOS MASCOTE

A AFETIVIDADE NA EDUCAÇÃO INFANTIL

**Trabalho de Conclusão de Curso apresentado à
Faculdade de Filosofia Ciências e Letras.
Fundação Educacional de Ituverava, para
obtenção do título de Licenciatura em
Pedagogia.**

Orientadora: Prof.^a Dr.^a Fátima Gonini

ITUVERAVA

2023

ANA LAURA DOS SANTOS MASCOTE

A AFETIVIDADE NA EDUCAÇÃO INFANTIL

**Trabalho de Conclusão de Curso apresentado à
Faculdade de Filosofia Ciências e Letras.
Fundação Educacional de Ituverava, para
obtenção do título de Licenciatura em
Pedagogia.**

Ituverava, 18 de dezembro de 2023.

Orientadora: _____
Prof.^a Dr.^a Fátima Gonini

Examinadora: _____
Prof.^a Me. Carla Bessa

Examinador(a): _____
Prof.^a Esp. Luciana Leite

DEDICATÓRIA

Dedico meu trabalho de conclusão de curso aos meus professores que me instruíram ao longo dos quatro anos de aprendizado e à Instituição de Ensino de Ituverava, Faculdade de Filosofia Ciências e Letras, que me proporcionou grandes mentes que me ajudaram a edificar a futura pedagoga que serei.

AGRADECIMENTOS

À minha professora Fátima Gonini, que me guiou e me estimulou durante este trabalho e nos últimos meses que foram os mais desafiadores.

Agradeço também às minhas amigas de curso Olinalva e Esther, que me apoiaram e me ajudaram quando achei que não conseguiria mais continuar, me motivaram a focar no futuro.

Ao meu namorado que veio me apoiando e me motivando a continuar estando sempre ao meu lado e me ajudando ao longo deste ano, foi a mais sincera motivação.

Venho agradecer também, ao imenso apoio e compreensão de Rosana e Regina, coordenadora e auxiliar administrativa da creche em que trabalho, no qual permitiu que eu concluísse minhas atividades acadêmicas e me incentivou a continuar e não desistir, me dizendo sempre que poderia com a ajuda das mesmas.

Por fim, agradeço imensamente a mim, por conseguir vencer os desafios que encontrei não somente durante o curso, mas fora dele, e apesar de tudo, olha onde cheguei!

Obrigada!

“Toda experiência de aprendizagem se inicia com uma experiência afetiva. ” (Rubem Alves, s.a)

RESUMO

O presente trabalho tem como meta investigar a importância da afetividade na educação infantil e reconhecer aspectos da primeira infância no Brasil e apresentar a relevância da afetividade na educação infantil na relação aluno e professor. A afetividade na educação infantil é essencial, pois a criança deve receber nessa fase, apoio e suporte afetivo que é a base do seu aprendizado da faixa etária de zero a seis anos de idade e a finalidade dessa etapa é o desenvolvimento integral da criança em todos os aspectos: psicológico, físico, cognitivo, mental e social. O presente trabalho foi realizado por meio de uma pesquisa bibliográfica e uma pesquisa de campo realizada em uma escola/creche de educação infantil integral de cunho filantrópico, com três professoras que trabalham diretamente com crianças da educação infantil de uma cidade do interior paulista; percebendo que a relação afetiva entre professor e aluno é elemento chave que conduzirá alunos ao sucesso ou fracasso, de acordo com desenvolvimento do seu trabalho pedagógico.

Palavras-chave: Primeira Infância. Afeto. Pedagogia. Cuidado.

SUMMARY

This study aims to investigate the importance of affectivity in early childhood education, recognize aspects of early childhood in Brazil, and present the relevance of affectivity in early childhood education in the student-teacher relationship. Affective interaction in early childhood education is essential, as children in this phase should receive emotional support, which is the foundation of their learning from the ages of zero to six. The purpose of this stage is the overall development of the child in psychological, physical, cognitive, mental, and social aspects. The study was conducted through a literature review and field research at a philanthropic full-time early childhood education school/daycare, involving three teachers directly working with children in a city in the interior of São Paulo. It was observed that the emotional bond between teacher and student is a key element that will lead students to success or failure, depending on the development of their pedagogical work.

Keywords: Early Childhood. Affection. Pedagogy. Careful.

LISTA DE QUADROS

QUADRO 1 Perfil das participantes da pesquisa

LISTA DE ABREVIATURAS E SIGLAS

LDB Lei de Diretrizes e Bases

UNICEF United Nations International Children's Emergency Fund (Fundo das Nações Unidas para a Infância)

ECA Estatuto da Criança e do Adolescente

ONU United Nations Organization (Organização das Nações Unidas)

IPAIB Instituto de Proteção e Assistência à Infância do Brasil

SUMÁRIO

1 INTRODUÇÃO	14
2 A CONSTRUÇÃO DA INFÂNCIA NO BRASIL: ALGUNS APONTAMENTOS	16
2.1 A Criação dos Abrigos Infantis	19
2.2 A Criação das Creches	20
2.3 UNICEF (United Nations International Children's Emergency Fund)	24
2.4 Direito Social e o Atendimento à Criança na Educação Infantil	25
3 COMPREENDENDO A AFETIVIDADE E A SUA RELAÇÃO COM A APRENDIZAGEM	28
3.1 Conceito de Afetividade	28
3.2 Afetividade e as Implicações no Aprendizado na Educação Infantil	31
4 METODOLOGIA	36
4.1 Caracterização do universo da pesquisa	37
4.2 Participantes da pesquisa	38
4.3 Análise e discussão dos dados	39
5 CONSIDERAÇÕES FINAIS	45
REFERÊNCIAS	46
APÊNDICES	49

1 INTRODUÇÃO

Abordar a temática da afetividade na educação infantil é de suma relevância, pois a criança deve receber nessa fase, apoio e suporte afetivo que é a base do seu aprendizado da faixa etária de zero a seis anos de idade e que de acordo com a Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional (LDB), a finalidade dessa etapa é o desenvolvimento integral da criança em todos os aspectos: psicológico, físico, cognitivo, mental e social.

Quanto à afetividade, o ser humano está constantemente passível de receber sensações, às vezes agradáveis e, às vezes, nem tanto. E quando se trata de crianças, esses sentimentos são mais acentuados, já que elas ainda não aprenderam a lidar com os mesmos.

Entende-se, que o convívio com o outro, faz parte do processo de aprendizagem da criança, um ser em formação em que o contato com o outro lhe traz informações e experiências que estão ligadas aos sentimentos, desejos e emoções. Pode-se pensar nas emoções, assim nos sentimentos e desejos, como manifestações da afetividade demonstrada pelos sujeitos. Contudo, é preciso considerar a afetividade como um conceito mais amplo e abrangente no qual circundam diversas manifestações, incluindo as emoções.

No processo de educação, compreende-se que o desenvolvimento não ocorre isoladamente, mas envolve professores e alunos em um processo de interação e de criação de vínculos, permeado pela afetividade que tem um papel primordial no processo de aprendizagem.

Essa pesquisa se justifica diante da importância da afetividade contribuir com o desenvolvimento da aprendizagem do aluno, como também da prática pedagógica de professores na educação infantil, pontuando os motivos pelos quais a afetividade se tornou relevante no processo de aprendizagem dos alunos.

A hipótese desse estudo é que a afetividade se faz bastante significativa no processo de ensino e aprendizagem segundo Wallon, Vigotsky entre outros estudiosos, e a escola tem reconhecido e valorizado a afetividade no cotidiano escolar, especialmente na educação infantil?

Diante disso, o objetivo geral deste trabalho é investigar a importância da afetividade na educação infantil e nos objetivos específicos conhecer alguns aspectos da história da infância no Brasil e desvelar a relevância da afetividade na educação infantil na relação aluno e professor.

Para tanto, na primeira seção, será realizada uma breve contextualização do ensino infantil desde os primórdios da educação brasileira com a chegada dos jesuítas no país, fazendo

uma análise social a partir desta data para entender desde o início como se desenvolveu a representação da criança; o ensino ministrado a elas e o comportamento social que se desenvolveu ao passar do tempo em relação à infância e a criança, sendo consideradas como adultos em miniatura e não como seres em desenvolvimento que necessitam de cuidado e atenção.

A segunda seção discorrerá sobre o que é a afetividade e sua relevância na educação infantil, e suas implicações na construção do processo de ensino-aprendizagem.

Na terceira seção, vem trazendo o percurso metodológico, da análise de dados para a realização da pesquisa de campo, apresentando o perfil dos entrevistados, universo em que a pesquisa aconteceu e a análise dos dados coletados.

2 A CONSTRUÇÃO DA INFÂNCIA NO BRASIL: ALGUNS APONTAMENTOS

Ao abordar a história da infância, se observa que as concepções construídas historicamente, de acordo com Sarmiento (2007, p. 26) “são baseadas numa perspectiva adultocêntrica, tanto esclarecem como ocultam a realidade social e cultural das crianças sendo, portanto, necessário a ruptura com o modelo epistemológico sobre a infância até então instituído”.

O conceito de infância não é um fenômeno estático e universal, está relacionado ao contexto em que a criança está inserida, porém independente disso as crianças têm necessidades e características próprias como esclarece Kuhlmann (1998, p. 30), citada por Guimarães (2017, p. 01)

É preciso considerar a infância como uma condição da criança. O conjunto das experiências vividas por elas em diferentes lugares históricos, geográficos e sociais é muito mais do que uma representação dos adultos sobre essa fase da vida. É preciso conhecer as representações de infância e considerar as crianças concretas, localizá-las como produtoras da história. (KUHLMANN, 1998, p. 30)

O conceito de infância no Brasil, segundo Priore (2013) devem ser consideradas as especificidades das infâncias brasileiras já que historicamente esta contempla as crianças enviadas da Europa para o Brasil, as crianças nativas e as crianças escravizadas.

Para Priore (2013), estudar as infâncias no Brasil percebe-se que é um tempo confuso da nossa história em que não se encontra referências sobre as crianças, principalmente antes e durante o período colonial. Este período, segundo a autora, é marcado por diversos tipos de violência: escravidão das crianças, abusos sexuais, exploração de mão de obra entre outros. Enfim, a infância não existia.

As primeiras crianças que chegaram ao Brasil durante o período das navegações, por volta do século XVI, vinham com uma tripulação majoritariamente de homens e algumas mulheres. As crianças participavam da viagem como grumetes ou pajens. Também haviam as órfãs do rei, como eram chamadas as meninas enviadas para o Brasil, para se casarem (RAMOS, 2015).

Priore (p. 05, 2020) reitera dizendo:

A presença de mulheres era rara, e por muitas vezes, proibida a bordo, e o próprio ambiente acabava por propiciar atos de sodomia que eram tolerados até pela Inquisição. Grumetes e pajens eram obrigados aceitar abusos sexuais de marujos rudes e violentos. Crianças, mesmo acompanhadas pelos pais, eram violentadas por pedófilos e as órfãs tinham que ser guardadas e vigiadas cuidadosamente a fim de manterem – se virgens, pelo menos, até que chegassem à Colônia.

Essas crianças segundo Ramos (2015) eram submetidas a inúmeros atos de violência, não recebiam cuidados e proteção que necessitavam e muitas padeciam durante a viagem. Ramos (2015) relata que a vida das crianças trazidas nos navios foi marcada por abandono, negligência e violência. Nessa época as crianças não eram vistas como crianças, mas adultos em miniaturas.

Se a história das primeiras crianças, que chegaram ao Brasil no século XVI, foi marcada pela rejeição moral e abusos constantes, durante a colonização tivemos uma realidade um tanto diferente: novos personagens históricos, não pajens ou grumetes, mas crianças indígenas e em que missionários jesuítas baseados em uma ideologia de missão, evangelização, educação e bem-estar, se dedicaram à infância indígena com o propósito da evangelização.

Portanto, no Brasil Colonial, a primeira forma de atendimento à infância brasileira se deu com a vinda dos Jesuítas com a incumbência de “civilizar” os índios através dos preceitos do Cristianismo.

Para Guimarães (2017) a catequese jesuíta, sob a justificativa de que seria mais fácil envolver as crianças indígenas por meio dos ensinamentos da Companhia de Jesus (ordem religiosa fundada em 1540), assim iniciou no Brasil a prática da segregação das crianças indígenas em locais chamados de “casas de *muchachos*”. Estas eram retiradas das famílias e, neste local, catequizadas juntamente com crianças órfãs portuguesas da mesma faixa etária, sob a justificativa que as crianças indígenas aprenderiam modos civilizados.

As primeiras formas de ensino começaram então no Brasil com o método *Ratio Studiorum*, que foi adotado definitivamente no final do século XVI. Ensinar crianças e jovens indígenas apresentou muitos desafios, pois os processos de ensino se encontraram primeiramente mudanças de comunicação e culturais. De fato, apesar de vários impasses, os jesuítas viam nas crianças indígenas uma espécie de “lousa branca”, que aprendiam os conceitos cristãos com mais facilidade do que os índios adultos como afirma Priore (1996, p. 12) citada por (Azevedo; Sarat, 2015),

Percebidas por estas características, a criança e sua educação se tornam o alvo do processo civilizador e das estratégias dos jesuítas que, permeados pelos sentimentos de valorização de sua graça, inocência e vulnerabilidade, fazem a Companhia escolhê-las como fundamento de sua missão colonizadora e a criança é o “[...] ‘papel branco’, a cera virgem, em que tanto desejava escrever; e inscrever-se”, afirma Priore (1996, p.12). (Azevedo; Sarat, 2015)

Portanto, com a ideia de que a criança era um papel em branco, os jesuítas investiram em sua educação para promover, segundo eles, o processo civilizatório.

Nesse período, a educação não era ministrada somente em casa e nas terras dos senhores de engenho, mas também nos espaços educacionais da “Companhia de Jesus”, nome da missão dada aos padres jesuítas. Apesar de possuírem um objetivo sob a educação como algo pacificador, era, no entanto, marcado por comportamentos imoderados, tirânicos e autoritários. Pois, além de assolar aos poucos a cultura de povos oriundos do Brasil e de pessoas e crianças trazidas do continente africano como escravos, o comportamento praticado por eles – jesuítas – era a adoção de castigos físicos, como agressões que aconteciam com mais facilidades.

Os jesuítas trouxeram a cultura de se educar as crianças por meio de castigos físicos,

Também a adoção de castigos físicos, “a educação pelo sangue”, fazia parte do conjunto de medidas civilizadoras na educação das crianças, pois, “tratava-se, antes de tudo, de educar os menores que cuidariam de ensinar- também cotidianamente- a doutrina aos mais velhos [...]” (Daher, 2001, p. 50). (Azevedo; Sarat, 2015)

Essa prática também era utilizada pelos senhores de engenho para educar suas crianças.

Aos filhos de senhores de engenho, era esperado que seguissem os caminhos do pai. Nessa época, e por muito tempo, era aceito o modelo de sociedade patriarcal, onde o homem era o provedor da casa e da família, portanto os filhos homens eram preparados para darem continuidade a esse modelo.

Assim, com a presença dos jesuítas no país, segundo Priori (1988) ocorreu a configuração de infâncias e de diferentes projetos educativos. Para as crianças nativas a educação “significou submetê-las ao violento processo de aculturação” (Priori, 1998, p. 15). Crianças africanas não tinham tratamento diferenciado, eram totalmente desassistidas.

A venda das crianças africanas impossibilitava a construção de laços familiares ou rompia o já existente e para elas não havia infância, mas o trabalho.

Este diferencial foi um marco o início da histórica brasileira no atendimento à criança, marcada pela desigualdade (Farias, 2005). Os filhos de escravos, chamados de crias e moleques, seguiam para o trabalho entre 5 e 7 anos, devendo aprender algum ofício.

As crianças brancas da casa grande, nomeadas de meninos, filhos de família, quase sempre eram cuidadas por amas, recebiam instrução jesuítica a partir dos seis anos, aprendiam as primeiras letras com professores particulares, usavam trajes adultos e sua educação se apoiava nos castigos corporais, conforme afirma Ribeiro,

O castigo físico era prática corrente na educação das crianças: à palmatória e a vara de marmelo eram companheiras zelosas do bom comportamento; e quanto mais cruel era a família com a criança, mais cruel era a criança com os animais e com os escravos companheiros dos seus folguedos.” (Ribeiro, 2006)

Durante a época colonial, foi criada a primeira Santa Casa de Misericórdia, em Salvador, no ano de 1726 (Rio de Janeiro, 1738; Recife, 1789 e em São Paulo, 1825). Eram instituições católicas de cunho caritativo e que possuíam a roda de expostos para receber crianças abandonadas. Esse nome se deve a forma do dispositivo onde se colocavam as crianças. Sua forma cilíndrica, dividida ao meio por uma divisória, era fixa em um muro ou janela da instituição. Colocava a criança, girava o dispositivo e puxava uma sineta para avisar que havia uma criança abandonada, enquanto o expositor retirava-se do local sem ser identificado.

A maioria dos expostos não chegava à vida adulta, pois as condições de higiene, mesmo na Santa Casa, eram precárias. As crianças que sobreviviam eram entregues as criadeiras, que recebiam uma verba de acolhimento das crianças abandonadas até que completassem 9 anos de idade. Portanto, a assistência dispensada à criança e a infância se deu sob os preceitos de caridade. Essa assistência foi extinta somente na década de 1950 ((Marcílio, 2003); (Del Priori, 2004)).

Segundo Marcílio (2003) a maioria das crianças abandonadas não foram assistidas por instituições especializadas, mas acolhidas por famílias substitutas e eram chamadas de filho de criação, sem direitos garantidos pela lei.

2.1 A Criação dos Abrigos Infantis

Influenciados pelo movimento médico – higienista que surgiu na Europa no século XVII pelos médicos filhos de classes mais altas que iam ao continente europeu para estudar e voltavam para o Brasil com tais ideais, chegou ao país no final do século XIX e início do século XX, que segundo Azevedo e Sarat (2015) “atuou para combater os altos índices de mortalidade infantil, provenientes das práticas de aborto, abandono e infanticídio das crianças também deixadas nas rodas” se iniciou a criação das “Salas de Abrigo”, que tinham como finalidade atender às crianças que nasciam de relacionamentos ilegítimos e crianças desabrigadas, em condições de extrema miséria, as “Salas de Abrigo” existiam para guardar um grande número de crianças.

De acordo com os autores Filipim; Rossi; Rodrigues, citam Garnier e Zambon em seu artigo publicado na revista *Histedbr*, em 2017, afirmam que

Estes espaços destinavam-se ao atendimento de crianças desfavorecidas, sendo, posteriormente, criados pela iniciativa do Estado. As “Salas de Asilo” antecederam a criação das “Escolas maternas” na França. Alguns autores entendem que essas já defendiam uma proposta educacional, representado por Jean-Marie Denis Cochin em seu “Manual de asilos” publicado em 1833. (Garnier, 2014; Zambon, 2006).

No que as creches tinham um caráter mais pedagógico, as “Salas de Abrigo” tinham um caráter mais assistencialista, abrigando crianças de três a seis anos de idade, no qual mais tarde, as salas serviriam para a criação das creches, “teriam um fim assistencialista, e os jardins de infância teriam um fim educativo” (Filipim; Rossi; Rodrigues, 2017, p.611)

2.2 A Criação das Creches

Dadas às circunstâncias políticas e econômicas do século XX, mudanças foram necessárias. Com o início da industrialização e o aumento expansivo das cidades, houve a necessidade de um olhar mais abrangente à infância. Não somente ao aumento populacional, mas também ao fato de que notaram que os índices de criminalidade e mortalidade infantil cresciam circunstancialmente.

Desde então, o Estado, por meio do decreto 17.943 – A, de 12 de outubro de 1927 outorga que:

O Presidente da República dos Estados Unidos do Brasil, usando da autorização constante do art. 1º do decreto n. 5083, de 1 de dezembro de 1926, resolve consolidar as leis de assistência e proteção a menores, as quase ficam constituindo o Código de Menores, no teor seguinte:

[...] **Art.1º** O menor, de um ou outro sexo, abandonado ou delinquente, que tiver menos de 18 anos de idade, será submetido pela autoridade competente às medidas de assistência e proteção contidas neste Código.

A partir de então, é registrado a abertura de instituições ligadas ao cuidado infantil.

Em 1897, inspirado nas ideias de Froebel, foi inaugurado em São Paulo o edifício Jardim de Infância, com o “objetivo e prática educar os sentidos das crianças e despertar o divino existente na essência da alma humana.”(Guimarães,2017), no qual Froebel – educador e professor do século XIX, nascido na Alemanha – tinha como princípios educacionais postulados no divino, e sua prática ficou muito popular, no qual ele afirmava que as crianças

eram consideradas como plantinhas em um jardim e os professores seriam os “jardineiros”. Guimarães ainda completa que professores, segundo Froebel,

deveriam ser especialistas para saberem empregar jogos, cantos, danças, marchas e pinturas como estímulos à aprendizagem infantil. [...] O evento da chegada dos jardins de Infância no Brasil com este caráter instituiu duas modalidades de atendimento às crianças de zero a seis anos no Brasil: os jardins de infância para crianças da elite e as creches ou escolas maternas que ofereciam assistência e educavam as crianças com menos recursos financeiros.

Em 1899, o médico Arthur Moncorvo Filho mediou a fundação do Instituto de Proteção e Assistência à Infância do Brasil (IPAIB) no Rio de Janeiro, com o caráter particular, e com o objetivo de criar uma creche e estabelecer um jardim de infância para crianças menores de oito anos. Seu foco básico era a puericultura e creches, com ênfase em ginecologia, distribuição de leite, consultas de enfermagem, vacinação, etc.

Com tudo, podemos notar que houve a criação de instituições que atendiam às crianças, porém, há algo que deve ser mencionado que tais instituições abrangiam sim às crianças, mas somente às crianças de classes mais abastadas, no qual, visava uma educação mais pedagógica, de acordo com Azevedo e Sarat (2015)

[...]nesse processo surgem diferentes instituições de atendimento a educação das crianças, conforme os contextos e as classes sociais que atendem. O Brasil do século XIX e início do XX apresentam dois tipos de atendimento diferenciados, porém, não dicotômicos: um de caráter mais assistencial para classes populares e outro mais pedagógico para as classes abastadas. O modelo do "jardim-de-infância" era para atender crianças privilegiadas e os "asilos" ou "creches" para as crianças pobres. Estas formas serão disseminadas ao longo do século XIX e encontrarão, posteriormente, melhores condições no processo de ensino elementar no Brasil. Importante destacar que tais instituições caracterizam-se por uma perspectiva de educação emancipadora ou submissa a depender do grupo a que ela será destinada socialmente (Kuhlmann Jr, 2007).

As creches por outro lado, surgiram de uma crescente demanda populacional. Ainda com o processo de industrialização se edificando pelo mundo, no Brasil não seria diferente, e com isso, a demanda trabalhista exigia cada vez mais mão de obra. Neste cenário, a presença feminina na sociedade se modificou, no qual antes as mulheres ocupavam o espaço social como donas de casa e mãe, agora com a crescente industrialização pelo país elas foram ocupando espaços de operárias nas fábricas também.

O fato de terem uma jornada de trabalho fora de casa foi um início crucial para a criação das creches no país, como não havia leis trabalhistas, as jornadas de trabalhos e as condições de segurança eram precárias, os funcionários chegavam a trabalhar por longas horas,

onde muitas vezes, as mães tinham que levar seus filhos às fábricas – lugares perigosos, sem nenhuma segurança para as crianças.

A partir disso e da crescente necessidade da demanda feminina no processo de industrialização, começaram a serem criados nas vilas, por outras mães que optaram em não trabalhar nas fábricas, espaços para que as crianças pudessem permanecer durante as jornadas de trabalhos das mães operárias

O nascimento da indústria moderna alterou profundamente a estrutura social vigente, modificando os hábitos e costumes das famílias. As mães operárias que não tinham com quem deixar seus filhos, utilizavam o trabalho das conhecidas mães mercenárias. Essas, ao optarem pelo não trabalho nas fábricas, vendiam seus serviços para abrigarem e cuidarem dos filhos de outras mulheres. Em função da crescente participação dos pais no trabalho das fábricas, fundições e minas de carvão, surgiram outras formas de arranjos mais formais de serviços de atendimento das crianças. Eram organizados por mulheres da comunidade que, na realidade, não tinham uma proposta instrucional formal, mas adotavam atividades de canto e de memorização de rezas (Rizzo, 2003). As atividades relacionadas ao desenvolvimento de bons hábitos de comportamento e de internalização de regras morais eram reforçadas nos trabalhos dessas voluntárias. (Paschoal; Machado)

No entanto, com o crescente aumento das crianças nestes espaços de caráter assistencialista, ainda com o aumento da mortalidade infantil, e agora com a violência e maus tratos cometidos às crianças como forma de manter o bom comportamento, que teve a iniciativa que, de acordo com Paschoal e Machado (2009),

fizeram com que alguns setores da sociedade, dentre eles os religiosos, os empresários e educadores, começassem a pensar num espaço de cuidados da criança fora do âmbito familiar. De maneira que foi com essa preocupação, ou com esse “[...] problema, que a criança começou a ser vista pela sociedade e com um sentimento filantrópico, caritativo, assistencial é que começou a ser atendida fora da família” (Didonet, 2001, p. 13).

Com isso, começou a surgir no país a criação de instituições para o acolhimento e assistência ao cuidado com as crianças. Depois das “Salas de Asilo” popularmente conhecidas, houve o processo de criação das creches, também inspiradas nas *crechês*, originárias da França, no qual tinham o objetivo de atender a um maior grupo de criança.

Kuhlmann Jr. (2004) ilustra que no curso do período de 1899 a 1922, as instituições assistencialistas originaram-se da preocupação com a mortalidade infantil, motivada pela construção de uma cidadania que satisfazia os interesses das classes dominantes. Elas traziam objetivos de modernização contendo princípios filosóficos liberais, contrários à concepção de caridade e de piedade (Guimarães, 2017)

Desde então, a criação das instituições de creches cresceu cada vez mais, de acordo com Guimarães (2017):

- Em 1908, é fundada a “primeira creche popular cientificamente dirigida”, para crianças de até dois anos de idade, filhas de operários, mas a maior parte das práticas dedicadas às crianças de zero a seis anos era de caráter médico. [...], a primeira escola maternal pela educadora Anália Franco, em São Paulo, para atender os filhos de operárias das fábricas paulistanas. [...] Ingressavam nessas instituições com dois anos de idade e permaneciam até os cinco anos, dilatado posteriormente até os 12 anos de idade. [...] seus documentos definiam objetivos pedagógicos e assistenciais de alimentação e proteção. [...] a aliança entre a assistência e o trabalho pedagógico [...]
- Em 1909 [...] foi inaugurado no Rio de Janeiro primeiro jardim de infância público, o Jardim de Infância Campos Salles, voltado para escolarização de meninos e meninas entre quatro e sete anos. [...]
- No ano de 1918, em decorrência das pressões dos movimentos operários, foi criada a primeira creche no estado de São Paulo, numa vila operária da Companhia Nacional de Tecidos e Jutas [...]
- Em 1920, a classe operária de imigrantes no Brasil, iniciava várias reivindicações trabalhistas, dentre elas, alterações nas longas jornadas de trabalho, melhoria salarial e a existência de locais para a guarda de seus filhos durante o trabalho. Para conter a agitação dos operários os empresários criaram “vilas operárias, clubes esportivos e também algumas creches e escolas maternas para os filhos dos operários em cidades como Rio de Janeiro, São Paulo e Minas Gerais” (Oliveira, 2005, P. 96)

A partir de 1930, houve muitas mudanças no cenário social, político e econômico no país. Com a crescente demanda trabalhista e o aumento da classe burguesa no país o atendimento das creches ficou mais procurado. Pois as mães trabalhadoras queriam lugares mais adequados ao cuidado dos filhos, e a classe burguesa procurava insistir na questão de crianças marginalizadas e abandonadas.

De acordo com tais fatos, o poder público foi levado a regulamentar o atendimento à infância, porém, todavia seu atendimento era de cunho assistencialista, e não de caráter pedagógico, promovendo espaços mais higiênicos às crianças e o cuidado no tempo de permanência nessas instituições. Em 1932 foi publicado o “Manifesto dos Pioneiros da Educação Nova”, que segundo Guimarães (2017) foi

intensamente influenciado pelos ideários religiosos, políticos e econômicos do contexto dessa década. O documento exigia, dentre outras questões, a criação de jardins de infância destinados à educação da população de zero a seis anos e defendia a escola pública. O texto do manifesto difundia uma visão mais integral da criança e vinculava educação, cultura e saúde.

O movimento escolanovista trouxe entusiasmo com a crença de que a educação mudaria o país “[...] encarando-a como panacéia para todos os males de uma sociedade profundamente marcada pelas desigualdades sociais”, como aponta Kramer (1995, p. 131) e suscitou um novo pensamento educacional para a educação; contudo, outra vez, as inovações pedagógicas seriam somente para os jardins-de-infância, local frequentado pelos filhos da elite. Os parques infantis de Mário de Andrade, ambientes

destinados às crianças das classes populares, continuaram com propostas de trabalhos educacionais diferenciados do que havia sido proposto pelos escolanovistas. Neste contexto, foram criados novos jardins de infância e proposto curso de formação de professores, para o atendimento das classes burguesas. (Guimarães, 2017)

2.3 United Nations International Children's Emergency Fund (UNICEF)

Apesar disso, a situação da infância no país começou a ser notada internacionalmente, vários órgãos internacionais começaram a se introduzirem nas políticas educacionais no Brasil

UNICEF inseria-se nas políticas assistenciais brasileiras agindo por meio de acordos com os vários domínios públicos. As deliberações internacionais desencadearam no Brasil um período de preocupações com a infância e, por conseguinte, o imperativo de constituir políticas educacionais ajustadas às crianças. Assim é que, na década de 40, se alargaram os empreendimentos governamentais para o atendimento às crianças, por meio de programas assistenciais, com ênfase no higienismo, na filantropia e na puericultura (Guimarães, 2017)

O Fundo Internacional de Emergência das Nações Unidas¹ (UNICEF) para a Infância, foi fundada em 1946 para fornecer ajuda de emergência às crianças afetadas pela Segunda Guerra Mundial. Desde então, sua missão evoluiu para promover os direitos e o bem-estar das crianças em todo o mundo, inclusive no Brasil, pois se concentra principalmente em atender às necessidades das crianças mais vulneráveis, especialmente aquelas que vivem na pobreza ou afetadas por conflitos.

A organização trabalha em estreita colaboração com governos e organizações não governamentais para implementar programas e políticas que melhorem a vida das crianças. O Fundo das Nações Unidas para a Infância tem sido uma organização líder na promoção dos direitos e bem-estar da criança, tem presença global e, em parceria com governos e organizações não governamentais, implementou vários programas e iniciativas para promover a saúde, educação e proteção das crianças.

O Fundo teve um impacto significativo na vida das crianças e programas de vacinação contribuíram para reduzir a mortalidade infantil relacionada a doenças evitáveis. Na educação, aumentaram o acesso à educação para crianças em países em desenvolvimento, especialmente meninas. Além disso, os esforços de defesa da UNICEF aumentaram a conscientização sobre os direitos e o bem-estar das crianças em todo o mundo, levando a mudanças nas políticas e aumento do financiamento de programas que beneficiam as crianças.

¹ *United Nations International Children's Emergency Fund*

A história, missão, programas e impacto da UNICEF demonstram seu compromisso com a promoção dos direitos e bem-estar das crianças em todo o mundo. Por meio de suas parcerias com governos e organizações não governamentais, ela implementou programas e políticas que melhoraram a vida de milhões de crianças. À medida que o mundo continua a enfrentar desafios que afetam as crianças, o trabalho continua a ser fundamental para garantir que todas as crianças tenham acesso aos direitos e serviços básicos de que precisam para prosperar.

A UNICEF está presente no Brasil desde 1952, trabalhando para melhorar a qualidade de vida das crianças e suas famílias. Com o objetivo de promover o desenvolvimento infantil, a UNICEF oferece programas de saúde, educação, nutrição e proteção. Além disso, desenvolvem parcerias com governos, empresas, organizações de caridade, pesquisadores, comunidades e outros parceiros para promover o desenvolvimento infantil e para garantir que as crianças brasileiras tenham oportunidades para realizar seus sonhos e desfrutar de seus direitos fundamentais.

E não só a UNICEF idealizou novos ideais para as políticas sociais ao combate à miséria, de acordo com Guimarães 2017 (p.108)

Além do UNICEF, outros organismos internacionais idealizaram e implantaram planos de ação comunitária para o terceiro mundo no intuito de combater a miséria (ROSEMBERG, 2002a), como o Fundo das Nações para a Alimentação (FAO), a Organização Mundial de Saúde (OMS) e a Organização Pan-americana de Saúde (OPS) (Montenegro, 1999).

Portanto, a UNICEF contribuiu sobremaneira com seus programas e projetos desenvolvidos no Brasil na busca do bem – estar da criança brasileira em diferentes aspectos.

2.4 Direito Social e o Atendimento à Criança na Educação Infantil

Porém, apesar de muitos esforços de instituições filantrópicas, internacionais e pesquisas, a educação à criança prevalecia ao assistencialismo² e o cuidado, não priorizando o lado pedagógico.

² Doutrina ou prática política que defende a assistência aos mais carentes da sociedade (por vezes usado em sentido depreciativo, referindo-se a medidas ou promessas demagógicas). Origem etimológica: assistencial + -ismo. Disponível em: < <https://dicionario.priberam.org/assistencialismo#:~:text=Doutrina%20ou%20pr%C3%A1tica%20pol%C3%ADtica%20que,etimol%C3%B3gica%3Aassistencial%20%2B%20%2Dismo.>>. Acesso em: 06, out, 2023.

A construção dos direitos das crianças foi uma história de lutas, avanços e desafios para que elas tivessem o reconhecimento e a legitimação de direitos, entre eles a educação que se materializou com a Constituição Federal de 1988 que trouxe avanços na área de direitos e inaugurou uma nova fase na história da legislação infantil ao reconhecer a criança como sujeito de direitos.

De acordo com Guimarães (2017, p.121) a Constituição Federal define o atendimento institucionalizado às crianças como direito social, conforme dispõe artigo 208, inciso IV: “O dever do Estado com a educação será efetivado mediante a garantia de [...] atendimento em creche e pré-escola às crianças de zero a seis anos de idade”.

No ano de 1990 o legislador infraconstitucional seguindo orientação da Convenção Internacional dos Direitos da Criança – aprovada pela Assembleia Geral da ONU em 20 de novembro de 1989, em complemento do artigo 227, da Constituição Federal, criou através da Lei 8.069/90 o Estatuto da Criança e do Adolescente (ECA).

O ECA, na sua primeira parte, versa sobre os direitos fundamentais da criança e do adolescente, prescrevendo no artigo 3º que a criança e o adolescente possam usufruir de todos os direitos fundamentais inerentes à pessoa humana, sendo obrigação do Estado assegurar facilidades e oportunidades para que toda criança e adolescente tenham desenvolvimento físico, mental, moral, espiritual e social, em condições de liberdade e de dignidade.

É interessante destacar que o ECA, preocupou-se em reforçar a necessidade de ser obrigação a tutela dos direitos fundamentais básicos para a criança e para o adolescente. Assim, o artigo 7º dispõe que “A criança e o adolescente têm direito a proteção à vida e à saúde, mediante a efetivação de políticas sociais públicas que permitam o nascimento e o desenvolvimento sadio e harmonioso, em condições dignas de existência”.

Com as mudanças ocorridas no cenário da infância, ressalta-se que a afetividade também é de suma importância para o desenvolvimento humano e de acordo com Henri Wallon (1968), a criança é um ser social e a afetividade é imprescindível para o seu desenvolvimento abrangendo as relações com a família e com seus professores, pois ela deve se sentir protegida, acolhida e respeitada tanto no ambiente familiar como na escola.

Em 1961 foi criada a Lei de Diretrizes e Bases (LDB) é um conjunto de regras que visam garantir a qualidade da educação básica no Brasil. Esta lei é responsável por estabelecer diretrizes, princípios, objetivos e bases da educação brasileira. Além disso, estabelece também as responsabilidades para o governo federal, estadual e municipal na educação brasileira.

A LDB também define as condições de acesso e permanência na escola, o financiamento da educação, o ensino de conteúdos obrigatórios, a qualificação dos professores

e a gestão escolar. A LDB visa à garantia do direito à educação de qualidade para todos os brasileiros, buscando promover o desenvolvimento pessoal, social e econômico.

Essa lei foi criada a fim de garantir que todos os brasileiros tenham direito a um ensino de qualidade, que considere as particularidades de cada região e que se adapte às diversidades culturais e sociais. Dessa forma, essa lei juntamente com outros documentos que regem a educação, visa proporcionar a todos os brasileiros um ensino de qualidade e que atenda às necessidades de cada região. É uma lei de grande importância para a educação brasileira, que oferece condições adequadas ao desenvolvimento dos alunos e professores.

Coelho (2019) aponta que a primeira infância é a fase mais importante do indivíduo, pois é a fase humana que o torna reflexivo e crítico; sendo nesta fase em que recebe inúmeras situações novas – atrativas e formativas, que são essenciais para subsidiar a construção da capacidade cognitiva, intelectual, afetiva e personalidade. É o período de 0 a 6 anos de idade, que exige uma atenção por serem os primeiros anos de vida; em que são desenvolvidos estruturas e circuitos cerebrais, que quando incentivados, por meio do afeto, torna possível aprimorar as habilidades mais complexas, principalmente quando se envolve com o círculo educacional, social e familiar; possibilitando que a criança interaja e entenda o meio em que se vive.

3 COMPREENDENDO A AFETIVIDADE E A SUA RELAÇÃO COM A APRENDIZAGEM

3.1 Conceito de Afetividade

A afetividade é um estímulo de grande importância em nossas vidas, ela se torna crucial quando ainda crianças, fase da qual estamos ainda em constante desenvolvimento. Para falarmos de afetividade precisamos entendê-la. Seu conceito é definido mediante a todo e qualquer estímulo psíquico e emocional que recebemos.

No dicionário Aurélio (1999), define a afetividade como um “conjunto de fenômenos psíquicos que se manifestam sob a forma de emoções, sentimentos e paixões, acompanhados sempre da impressão de dor ou prazer, de satisfação ou insatisfação, de acordo ou desagrado, de alegria ou tristeza”.

Os estudiosos Wallon, Piaget e Vigotsky, trazem importantes contribuições para a educação e no campo da afetividade. De acordo com Wallon (1995), a inteligência não é o ponto central do desenvolvimento, mas o que ele chamou de vida psíquica, o que é de origem mental e comportamental no ser humano. Segundo o autor, a vida psíquica passa por três fases: motora, afetiva e cognitiva.

A afetividade envolve um conjunto de reações e ações que se manifestam as emoções, sejam elas boas ou não. Na relação com o adulto, a criança evidencia sua afetividade de maneira positiva ou não.

Desse modo, a afetividade se torna um ponto fundamental na construção do desenvolvimento, ou seja, na construção do processo de ensino e aprendizagem. Esse processo envolve a família, a professora, as outras crianças entre outros. Assim, a professora é uma profissional muito importante e deve aprender a lidar com os estímulos afetivos com os alunos, proporcionando espaços para construir uma boa relação com os mesmos.

As interações emocionais devem se pautar pela qualidade, a fim de ampliar o horizonte da criança e levá-la a transcender sua subjetividade e inserir-se no social. Na concepção walloniana, tanto a emoção quanto a inteligência são importantes no processo de desenvolvimento da criança, de forma que o professor deve aprender a lidar com o estado emotivo da criança para melhor poder estimular seu crescimento individual (Krueger, 2003, p.5)

Já, Vigotsky explica a afetividade com dois conceitos, sendo eles o pensamento e a Base Afetivo-volitiva, em que o autor defende a ideia de que a aprendizagem do aluno depende em grande parte do sentimento afetivo que se desenvolve entre os aspectos intelectuais e

afetivos, entre o pensamento e a linguagem. Portanto, a razão e emoção são indissociáveis com o aprendizado e com a afetividade relacionada ao professor, com isso, se desenvolve a vontade de aprender, de entender o que lhe é ensinado. Kruger (2017), cita La Taille (1992, p. 76) que corrobora com a teoria de Vygotsky ao explicar que:

o pensamento tem sua origem na esfera da motivação, a qual inclui inclinações, necessidades, interesses, impulsos, afeto e emoção. Nesta esfera estaria a razão última do pensamento e, assim, uma compreensão completa do pensamento humano só é possível quando se compreende sua base afetivo-volitiva. Apesar de a questão da afetividade não receber aprofundamento em sua teoria, Vygotsky evidencia a importância das conexões entre as dimensões cognitiva e afetiva do funcionamento psicológico humano, propondo uma abordagem unificadora das referidas dimensões.

No entanto, Piaget acredita que a afetividade e o cognitivo são essenciais para a aprendizagem, sendo que a afetividade é desenvolvida durante toda a vida da criança, que tem o poder de estimular o desenvolvimento cognitivo, pois sem o afeto, não é possível desenvolver o interesse pelo aprendizado. Com isso, Piaget ainda conclui que não é possível que um se desenvolva sem o outro - o lado afetivo e o lado cognitivo. É importante dizer que a afetividade auxilia, para Piaget, a construção de estruturas para a construção do conhecimento.

O desenvolvimento cognitivo, passa de um período inicial centrado na própria ação para a construção de um universo objetual e descentrado. De forma semelhante, a afetividade evolui de uma indiferenciação entre si própria e os que a rodeiam para aos poucos elaborar e construir um sentimento único e interindividual. Tanto o aspecto cognitivo como o afetivo evoluem; de início estão centrados no sujeito e nas suas próprias necessidades, para depois se dirigirem ao outro e às relações do sujeito com outros sujeitos. O afeto, segundo Piaget, pode acelerar ou retardar a formação das estruturas cognitivas. Embora condição necessária, só o afeto não é condição suficiente para a formação das mesmas. O afeto acelera a formação das estruturas, no caso de interesse e necessidade, e retarda quando a situação afetiva é obstáculo para o desenvolvimento intelectual. Piaget admite que desregulações de caráter afetivo. (Pessoa, 2000)

Apesar de termos a contribuição de afetividade com a concepção de Wallon, Piaget e Vigotsky, é necessário compreender também as fases de desenvolvimento infantil, para compreender todas as transformações que a criança vivencia em cada faixa etária, é interessante conhecer as etapas do desenvolvimento infantil e as mudanças que ocorrem em algumas áreas do cérebro. Por isso, abaixo listamos as quatro fases do desenvolvimento mental defendida por Piaget:

- **Fase sensório-motora:** Chamada de sensório-motora, a primeira das etapas do desenvolvimento infantil envolve o reconhecimento de si enquanto ser que pensa, sente e faz. Essa fase pode durar até os dois anos, período que o bebê leva para ter

consciência do seu corpo como um todo, dos seus movimentos e da interação com o mundo.

- **Fase pré-operatória:** Já se tratando das etapas do desenvolvimento infantil criativo, a pré-operatória é a mais marcante, representando toda a faixa dos dois aos sete anos — e sendo percebidas pelas invenções de brincadeiras, pelo “faz de conta” e, especialmente, pela comunicação mais clara e efetiva por meio da fala.
- **Fase operatória concreta:** As etapas do desenvolvimento infantil começam a ficar mais consolidadas com a chegada dos oito anos e permanecem assim até cerca dos 12 anos. É aí que o raciocínio fica ágil e coerente, estágio perfeito para introduzir conceitos mais complexos nas tarefas escolares e intensificar o aprendizado.
- **Fase operatória formal:** Depois dos 12 anos estima-se que as etapas do desenvolvimento infantil estejam voltadas a aperfeiçoar alguns conceitos sociais, bem como assimilá-los com clareza concepções mais abstratas — o que inclui perceber que sente amor pelos pais e raiva diante de situações de injustiça, por exemplo. Além disso, vale ressaltar que o senso de empatia ganha bastante força nessa época.

Para Wallon (1995) a inteligência não é o ponto central para o desenvolvimento infantil, mas o que ele denominou de vida psíquica, o que é de origem mental e comportamental no ser humano. Wallon, afirma que a vida psíquica passa por três fases: motora, afetiva e cognitiva, quando associadas essas fases se integram.

Amorim e Navarro (2012) ainda complementam que “as emoções, para Wallon, possuem um papel fundamental para o desenvolvimento da pessoa” (p.4). Ou seja, tornar um ensino mais afetivo para o aluno levou grandes pensadores a chegar à conclusão que é mais proveitoso para o mesmo, facilitando seu aprendizado.

Com isso, pode-se dizer previamente que trabalhar a afetividade desde a educação infantil se faz necessário para o desenvolvimento cognitivo e social do aluno, como defende Piaget, Wallon e Vigotsky.

[...] Esse universo deve ser vinculado à educação e ao afeto, pois o ato de educar não pode ser visto apenas como um repassar de informações e de conhecimentos, ao contrário disso o ato de cuidar e educar só realiza-se com afeto e somente se completa com amor, de maneira que o desenvolvimento humano não acontece somente relacionado aos aspectos cognitivos, mas também, e principalmente, aos aspectos afetivos. (Amorim; Navarro, 2012, p.1)

A Afetividade se tornou muito relevante atualmente, principalmente na educação infantil, fase que se inicia a vida acadêmica do aluno, desde a creche já se podem aplicar as práticas afetivas com os alunos, pois essa fase se mostra bastante curiosa e delicada.

É uma fase repleta por descobertas, e ao mesmo tempo são crianças frágeis, tanto no âmbito físico como no âmbito emocional. Imagine você adulto, quando não sabe resolver um problema, você reflete e muitas vezes consegue resolvê-lo, porém, uma criança não tem esse domínio total. Esse é um dos exemplos que se pode pontuar para destacar a importância de se tratar sobre a afetividade na educação infantil.

Porém, é fato que quando só levamos em conta o aprendizado e não desenvolvemos nenhum vínculo afetivo com nossos alunos, fica mais difícil de manter uma aula produtiva e um ensino significativo para as crianças.

O educador infantil deverá estar consciente do seu papel e da sua importância nesse processo, pois, junto com os pais, os professores são responsáveis pelo encorajamento ao crescimento e desenvolvimento integral das crianças. Para lidar com crianças na educação infantil, o educador precisa ser sensível às suas emoções, estar apto para lidar com situações que exijam paciência, compreensão e técnica, tendo capacidade para lidar com imprevistos que requerem flexibilidade e criatividade, além disso, deve usar sempre o conhecimento e a sociabilidade ligada aos aspectos afetivos, para o bem do aluno e tranquilidade dos pais. (Amorim; Navarro, p.5, 2012)

3.2 Afetividade e as Implicações no Aprendizado na Educação Infantil

A afetividade na educação infantil refere-se à dimensão emocional da aprendizagem, que inclui atitudes, valores e emoções. O papel da afetividade na aprendizagem tem sido amplamente reconhecido e estudado, com pesquisas mostrando que ela afeta a motivação, o engajamento e o desempenho acadêmico. Exploraremos as implicações da afetividade na aprendizagem na educação infantil, bem como estratégias para promover a afetividade positiva em sala de aula.

A afetividade na educação infantil abrange uma série de fatores emocionais que influenciam a aprendizagem. Atitudes e valores em relação ao aprendizado, bem como emoções como ansiedade e empolgação, desempenham um papel na forma como os alunos se envolvem com o material acadêmico. A afetividade é um componente crucial da aprendizagem, pois pode facilitar ou dificultar o sucesso acadêmico. Afetividade positiva, como entusiasmo e interesse em aprender, pode promover engajamento e motivação, enquanto afetividade negativa, como ansiedade e desinteresse, pode atrapalhar o aprendizado e levar a dificuldades acadêmicas.

A teoria sociocultural de Lev Vygotsky teve um impacto significativo no campo da educação e aprendizagem infantil. Sua ênfase na importância da interação social e do contexto cultural na aprendizagem levou a uma mudança na maneira como os educadores abordam o ensino e o design do currículo.

A teoria sociocultural de Vygotsky postula que a aprendizagem é um processo social fortemente influenciado pelo contexto cultural. De acordo com Vygotsky, as crianças aprendem por meio de interações com outras pessoas, particularmente com indivíduos mais experientes, como pais, professores e colegas. A Zona de Desenvolvimento Proximal (ZDP) é um conceito-chave na teoria de Vygotsky, que se refere à lacuna entre o nível atual de compreensão de uma criança e seu nível potencial de compreensão com a ajuda de outro mais experiente.

Vygotsky (2007) defende que o aprendizado do indivíduo não pode ser dissociado do contexto histórico, social e cultural em que está inserido. Para aprender, elaborar conhecimentos e para se autoconstruir, o ser humano precisa interagir com outros membros de sua espécie, com o meio e também com a cultura. Para o autor, as relações sociais podem se tornar aprendizado via mediação, a qual é definida pela ação que se interpõe entre sujeito e objeto de aprendizagem. Para que haja interação, é necessário utilizar-se de instrumentos criados pelas sociedades ao longo do curso da história da humanidade e que mudam a forma social e o nível de seu desenvolvimento cultural, e de signos, definidos pela linguagem, a escrita e o sistema numérico. O uso de instrumentos para diferenciar o ser humano de outros animais também é um conceito defendido por Marx e Engels, que influenciaram Vygotsky em seus apontamentos. Sua teoria procura avaliar os processos mentais envolvidos na compreensão do mundo. (Santos; Andrade; Fernandes; Lima, 2021)

A educação infantil é um estágio crítico no desenvolvimento de uma criança que estabelece bases para o futuro sucesso acadêmico e bem-estar socioemocional. Um dos teóricos mais influentes nesse campo é Henri Wallon, psicólogo francês que enfatizou a importância da afetividade na educação infantil. Exploraremos as visões de Wallon sobre afetividade e seu impacto na educação infantil. Especificamente, examinaremos a definição de afetividade de Wallon, seu impacto na educação infantil e as críticas e limitações de seus pontos de vista.

Wallon definiu afetividade como experiências e expressões emocionais que são aspectos fundamentais do desenvolvimento. Ele acreditava que a afetividade desempenha um papel crucial na formação de interações e relacionamentos sociais. De acordo com Wallon, a afetividade não é apenas experimentar emoções, mas também expressá-las de maneira socialmente aceitável. Ele argumentou que a afetividade está intimamente ligada à cognição e que emoções e pensamentos estão interligados. A opinião de Wallon era que as experiências e expressões emocionais das crianças são essenciais para seu desenvolvimento geral.

Uma das contribuições centrais de Wallon está em dispor de uma conceituação diferencial sobre emoção, sentimentos e paixão, incluindo todas essas manifestações como um desdobramento de um domínio funcional mais abrangente: a afetividade, sem contudo, reduzi-los uns aos outros [...]. Ao apontar a base orgânica da afetividade, a teoria walloniana resgata o orgânico na formação da pessoa, ao mesmo tempo em que indica que o meio social vai gradativamente transformando esta afetividade orgânica, moldando-a e tornando suas manifestações cada vez mais sociais. Assim, temos um laço de união entre o corpo e o meio social, formando o que na tradição

filosófica francesa denomina-se *entre-deux*, ou seja, um campo que se forma no limiar das dualidades, no qual: “O mundo é inseparável do sujeito, mas de um sujeito que não é senão projeto do mundo, e o sujeito é inseparável do mundo, mas de um mundo que ele mesmo projeta.” (Merleau-Ponty, 1999, P. 576). (Ferreira; Acioly-Régner, 2010)

De acordo com Piaget, a afetividade tem um papel importante no desenvolvimento intelectual durante a educação infantil. Ele acredita que se o ambiente em que as crianças são criadas for emocionalmente saudável e estruturado, elas terão melhores resultados no aprendizado. Isso acontece porque a afetividade, tanto positiva quanto negativa, é um dos principais incentivos para o desenvolvimento intelectual e social das crianças. Portanto, o ambiente familiar deve oferecer um ambiente de amor e compreensão, pois a afetividade tem um papel fundamental no desenvolvimento infantil.

Pessoa (2016) aponta que o desenvolvimento cognitivo para as crianças (de 0 a 6 anos) evidencia a evolução no modo de processar informações no cérebro; com isso, conforme a criança vai se amadurecendo, vai, também, sendo capaz de fixar, utilizar e adquirir conhecimentos no seu cotidiano; percebendo um profundo desenvolvimento; passando, com o tempo a dominar a linguagem, solução de problemas cotidianos e exprimir seu intelecto.

Nesse sentido, ao longo da vida crianças, adolescentes e, até, adultos permanecem desenvolvendo sua capacidade cognitiva, sendo um processo essencial para a fase educacional, desde a Educação Infantil, interligada com a família.

A aprendizagem na infância é um processo complexo que envolve vários fatores, incluindo o desenvolvimento cognitivo, social e afetivo. A teoria do desenvolvimento cognitivo de Jean Piaget influenciou muito o campo da educação, fornecendo insights sobre como as crianças aprendem e se desenvolvem. Um aspecto importante da aprendizagem infantil que Piaget enfatizou é o papel da afetividade.

Na ótica piagetiana, o afeto desempenha um papel essencial no funcionamento da inteligência, pois segundo Piaget : “vida afetiva e vida cognitiva são inseparáveis, embora distintas. E são inseparáveis porque todo intercâmbio com o meio pressupõe ao mesmo tempo estruturação e valorização... Assim é que não se poderia raciocinar, inclusive em matemática, sem vivenciar certos sentimentos , e que, por outro lado, não existem afeições sem um mínimo de compreensão... O ato de inteligência pressupõe pois, uma regulação energética interna (interesse, esforço, facilidade)... (Piaget, 1977, p 16). Sem afeto então, não há interesse, necessidade e motivação pela aprendizagem, não há também questionamentos, e sem eles, não há desenvolvimento mental. Afetividade e cognição se complementam e uma dá suporte ao desenvolvimento da outra. (Pessoa, 2000)

Com isso, pode-se dizer que a afetividade, ou a dimensão emocional da aprendizagem, é um aspecto essencial da educação básica que muitas vezes é negligenciado. A afetividade

engloba atitudes, valores e crenças que influenciam a aprendizagem e o comportamento, e envolve o desenvolvimento de competências sociais e emocionais, como autoconsciência, empatia e autorregulação.

Nesse sentido, Zabala (1998) aponta que os aspectos emocionais formam a base para o progresso em várias áreas do desenvolvimento infantil e que todos os aspectos da educação infantil são influenciados pelo aspecto emocional.

É um conceito amplo que se refere à dimensão emocional da aprendizagem. Abrange atitudes, valores e crenças que influenciam a aprendizagem e o comportamento e inclui o desenvolvimento de competências sociais e emocionais, como autoconsciência, empatia e autorregulação. Na educação básica, a afetividade desempenha um papel crucial na formação das atitudes dos alunos em relação à aprendizagem e suas relações com professores e colegas. Ao desenvolver habilidades e competências afetivas, os alunos ficam mais preparados para lidar com as demandas sociais e emocionais na sala de aula e além dela.

Nota-se, segundo Oliveira (2017) que a psicomotricidade na educação infantil, ser também uma área essencial, pois promove formação básica indispensável para o desenvolvimento motor, afetivo e psicológico, que torna o indivíduo capaz de conscientizar-se sobre o seu corpo por meio de atividades lúdicas e jogos; favorecendo e consolidando hábitos e o desenvolvimento mental e corporal; podendo melhorar a aptidão física, a criatividade e a socialização no intuito de auxiliar na formação da personalidade da criança.

Porém, além da afetividade ser de suma importância para o desenvolvimento próprio do aluno, é importante frisar as esferas mais importantes que fazem parte desse desenvolvimento.

Sendo a família o primeiro contato social e afetivo em que uma criança tem contato, e a escola sendo o segundo contato relevante neste processo, onde possa ter uma influência considerável.

Com isso, sabe-se que quando se fala em educar uma criança, não engloba somente ao espaço escolar, também compete à família, sendo que essa é o primeiro contato social do aluno, onde a família – primeiramente – transmite à criança crenças, valores, opiniões, comportamentos, onde a família é ponto crucial para esse pleno desenvolvimento, estando atento ao modo que tratam as crianças e transmitimos os conhecimentos, na maneira como é a troca em sala de aula, principalmente no modo de agir de cada criança, que se pressupõe do primeiro contato socioafetivo, que é a família. Elas ainda complementam dizendo que “a afetividade é o princípio central da família, por isso que a família deve estar presente em todos os momentos da vida estudantil da criança”.

E no ambiente escolar, esse conjunto de valores que formam a cultura única de cada um se reforça ou se modifica, pois nesse ambiente seu contato social se amplia fazendo com que conheça novos valores e opiniões, e apesar dos colegas influenciarem bastante essa mudança, a que mais tem peso é a figura do professor ou educador, pois o aluno o enxerga como uma figura exemplar, podendo influenciar em suas ações e pensamentos.

Portanto, a afetividade exerce um papel fundamental na vida do ser humano e sem ela compreendemos que é difícil desenvolver uma aprendizagem satisfatória, daí a relevância da afetividade para o desenvolvimento das emoções da criança na educação infantil.

4 METODOLOGIA

Para a realização desta pesquisa de caráter qualitativo em educação realizou uma pesquisa de caráter bibliográfico acerca do tema em um município do interior paulista, e objetivou analisar o que se compreende por afetividade, sua relevância nas práticas pedagógicas, no seu processo de ensino – aprendizagem e no desenvolvimento cognitivo. Trata-se de uma pesquisa qualitativa descritiva e de campo em que a coleta de dados foi realizada por meio de aplicação de questionário com questões semiestruturadas para obter informações das participantes do estudo.

A respeito da pesquisa, Amaral (2007, apud Sousa, Oliveira e Alves 2021) afirma que a pesquisa:

É uma etapa fundamental em todo trabalho científico que influenciará as etapas de uma pesquisa, na medida em que der o embasamento teórico em que se baseará o trabalho. Consistem no levantamento e arquivamento de informações relacionadas a pesquisa (Amaral, 2007, p.1)

Segundo Gil (2002, p.42):

As pesquisas descritivas têm como objetivo primordial a descrição das características de determinada população ou fenômeno ou, então, o estabelecimento de relações entre variáveis. São inúmeros os estudos que podem ser classificados sob este título e uma de suas características mais significativas está na utilização de técnicas padronizadas de coleta de dados, tais como o questionário e a observação sistemática. Algumas pesquisas descritivas vão além da simples identificação da existência de relações entre variáveis, e pretendem determinar a natureza dessa relação. Nesse caso, tem-se uma pesquisa descritiva que se aproxima da explicativa. Há, porém, pesquisas que, embora definidas como descritivas com base em seus objetivos, acabam servindo mais para proporcionar uma nova visão do problema, o que as aproxima das pesquisas exploratórias.

A pesquisa qualitativa é caracterizada pela busca de compreender, interpretar fenômenos sociais, culturais e comportamentais de acordo com a inserção do indivíduo à sua realidade.

Pesquisa de campo é uma metodologia de pesquisa que envolve a coleta de dados diretamente no local onde o fenômeno estudado ocorre. Isso pode incluir entrevistas, observação e coleta de amostras. No âmbito da educação refere-se à coleta de dados e informações diretamente no local onde o fenômeno educacional está ocorrendo. Isso pode incluir observações em sala de aula, entrevistas com professores e alunos, análise de documentos e materiais educacionais, entre outros métodos. Este tipo de pesquisa é importante

para compreender a realidade educacional e contribuir para o desenvolvimento de práticas pedagógicas mais eficazes.

Pesquisa de campo é aquela utilizada com o objetivo de conseguir informações e/ou conhecimentos acerca de um problema, para o qual se procura uma resposta, ou de uma hipótese, que se queira comprovar, ou, ainda, descobrir novos fenômenos ou as relações entre eles. Consiste na observação de fatos e fenômenos tal como ocorrem espontaneamente, na coleta de dados a eles referentes e no registro de variáveis que se presume relevantes para analisá-lo (Lakatos e Marconi, 2003, p.186)

4.1 Caracterização do universo da pesquisa

De acordo com Gil (2012) universo ou população de pesquisa “pode-se definir pesquisa como o procedimento racional e sistemático que tem como objetivo proporcionar respostas aos problemas que são propostos”.

Os dados da pesquisa foram coletados em uma creche do interior de São Paulo, no qual é filantrópica, a instituição atende crianças de um ano a quatro anos de idade, e também conta com salas de aula que cedeu para a prefeitura do município, a qual atende crianças da pré – escola de quatro a cinco anos de idade.

O número de professoras dessa instituição de ensino é de treze educadoras que trabalham na área filantrópica da creche, e na área municipal trabalham seis professoras de educação infantil, um professor especialista de educação física e um especialista de arte.

A coleta de dados na pesquisa foi realizada através de questionário com questões semiestruturadas abertas; conforme Lakatos e Marconi, citam Augras (1974) para complementar em (2003, pág. 201) o questionário é:

Questionário é um instrumento de coleta de dados, constituído por uma série ordenada de perguntas, que devem ser respondidas por escrito e sem a presença do entrevistador. [...] A elaboração de um questionário requer a observância de normas precisas, a fim de aumentar sua eficácia e validade. Em sua organização, devem-se levar em conta os tipos, a ordem, os grupos de perguntas, a formulação das mesmas e também Com tudo aquilo que se sabe sobre percepção, estereótipos, mecanismos de defesa, liderança etc." (Augras, 1974:143). (Lakatos Marconi, 2003, p.201 e 202)

A aplicação do questionário na pesquisa visa buscar resposta acerca de aspectos da realidade, podendo ser por meio de perguntas que envolvam fatos, atitudes, comportamentos, sentimentos, padrões de ação, entre outros.

4.2 Participantes da pesquisa

Participaram da pesquisa 03 professoras de Educação Infantil com idade entre 29 e 49 anos. Todas as participantes possuem título de especialista e o tempo de docência na educação infantil varia de 6 meses a 19 anos. Todas trabalham na rede pública de ensino municipal que responderam prontamente ao questionário proposto, tendo perfil resumido:

Quadro 01 – Perfil das participantes da pesquisa

	PROFESSORA 1	PROFESSORA 2	PROFESSORA 3
IDADE	34 anos	49 anos	29 anos
GÊNERO	Feminino	Feminino	Feminino
FORMAÇÃO	<ul style="list-style-type: none"> ● Ciências Biológicas; ● Pedagogia; e ● Educação Especial; ● Pós – Graduação em ABA – Análise do Comportamento Aplicado 	<ul style="list-style-type: none"> ● Pedagogia; ● Pós-graduação em Educação Infantil 	<ul style="list-style-type: none"> ● Pedagogia; ● Pós-graduação em Neuroaprendizagens
CARGO OU FUNÇÃO ATUAL	Professora de Educação Infantil	Professora de Educação Infantil	Professora de Educação Infantil
TEMPO NA PROFISSÃO	09 meses	19 anos	06 anos
TIPO DE INSTITUIÇÃO EM QUE ATUA	Pública	Pública	Pública
ETAPA QUE LECIONA	Etapa 01 (Pré 1)	Etapa 01 (Pré 1)	Etapa 02 (Pré 2)

Fonte: Autora (2023)

No mês de outubro do ano de 2023, a aluna pesquisadora entrou em contato com a Direção e a Coordenação da Escola para solicitar a realização da pesquisa.

No primeiro contato a gestora se mostrou solícita a ajudar na pesquisa e orientou a aluna pesquisadora a entrar em contato com as docentes. Esta pediu autorização para as docentes no qual dentre 06 professoras, apenas 03 aceitaram participar da pesquisa. A aluna pesquisadora explicou o objetivo da pesquisa e estabeleceu o prazo de uma semana para a entrega do questionário respondido.

Para coleta de dados, junto as docentes utilizou-se um questionário semiestruturado com 04 perguntas abertas relacionadas a afetividades e a prática docente (Apêndice 00).

As professoras preencheram o questionário de acordo com suas experiências e conhecimento acerca do assunto, findado o prazo, as professoras entregaram o questionário respondido a aluna.

4.3 Análise e discussão dos dados

Para o tratamento dos dados utilizou-se a análise de conteúdo de (Lakatos Marconi, 2003). Para a análise foram realizadas várias leituras para se compreender as informações levantadas para se analisar e interpretar os dados conforme a seguir.

Como você compreende a afetividade ?

Professora 01: “Afetividade seria a base das relações, todas as relações devem ser construídas com afeto, carinho e respeito. Esse conjunto de sentimentos e emoções que fazem parte de todas as relações é a afetividade”.

Professora 02: “A afetividade é uma das competências que ajuda no desenvolvimento das emoções do aluno; estimulando o desenvolvimento da autonomia, por meio das relações que a criança estabelece com o meio. A afetividade ajuda no desenvolvimento das habilidades socioemocionais, onde a criança constrói o seu eu e descobre o prazer e o desejo de aprender”.

Professora 03: “Eu compreendo a afetividade como trocas de afeto entre as pessoas, seja ela entre professor e aluno ou aluno para professor, através de gestos de carinho, atenção, respeito, companheirismo etc.”.

De acordo com os dados as professoras entendem que por afetividade é a base de todas as relações sendo respondida pela professora 01, onde a professora 02 compreende que a afetividade é uma das competências que ajuda no desenvolvimento das emoções do aluno; estimulando o desenvolvimento da autonomia, e a professora 03 define a afetividade como uma troca de afeto entre as pessoas

Para reforçar tais concepções Amorim e Navarro (2012, p.2) ainda complementa que

A afetividade é necessária para a formação de pessoas felizes, seguras e capazes de conviver com o mundo que a cerca, pois ela é uma importante aliada nas intenções pedagógicas, responsável por criar vínculos relevantes e imprescindíveis para o Ensino de Educação Infantil

Com isso podemos definir que a concepção de afetividade para as professoras são de fato um elemento de suma importância para estabelecer relações e no auxílio do desenvolvimento da aprendizagem, pois como as autoras citaram, é uma importante aliada nas intenções pedagógicas.

A afetividade está presente em sua prática pedagógica/sala de aula? Explique.

Ao serem questionadas sobre a existência da afetividade na prática pedagógica as professoras relatam que consideram imprescindível a afetividade na prática pedagógica como citado a seguir:

Professora 01: “Sim, não existe relação professor/aluno sem afetividade

Professora 02: “Sim. [...] usando esse convívio de afetividade consigo uma melhor integração deles comigo, [...] resultados satisfatórios nas atividades [...]

Professora 03: “[...] impossível dentro de sala de aula, atingir os objetivos de aprendizagens [...] sem que haja o vínculo afetivo [...]”.

Segundo Krueger (2023), o ser humano é movido pela afetividade que opera no desenvolvimento do sentido, criando mecanismos de compreensão, aceitação, defesa e administração das sensações. A aprendizagem é um recurso em fusão com outros, e a afetividade faz parte dessa fusão, pois o processo ensino-aprendizagem necessita de respostas, sendo necessário que o mediador segure, carregue, embale etc. sempre que preciso; levando a criança a participar intensamente do ambiente apreendendo e familiarizando, por meio do afeto, dando início ao processo de diferenciação.

Amorin e Navarro (2012) se referenciam a Jean Piaget para complementar que “tal estado psicológico é de grande influência no comportamento e no aprendizado das pessoas juntamente com o desenvolvimento cognitivo. Faz-se presente em sentimentos, desejos, interesses, tendências, valores e emoções, ou seja, em todos os campos da vida”.

Portanto podemos perceber que criar laços afetivos poderá ser importante no processo de ensino – aprendizagem, pois criar tais laços delimita desejos e interesses, que são primordiais para instigar a curiosidade nas crianças para atingir os objetivos esperados pelas professoras durante o período letivo.

Qual a contribuição da afetividade no processo de ensino/aprendizagem?

Professora 01: “A afetividade contribui para a aprendizagem e o desenvolvimento cognitivo. A criança aprende e se desenvolve com essa relação de interação e troca de emoções e experiências”.

Professora 02: “Através das atitudes trocadas entre nós de carinho, respeito e cumplicidade; o aluno adquire um sentimento de maior segurança no que faz e, assim, desenvolver suas habilidades no processo de aprendizagem. Essa energia afetiva que direciona e motiva o aluno ao ato de aprender”.

Professora 03: “No processo de ensino e aprendizagem a afetividade perpassa entre a prática pedagógica atingindo o lado emocional e psicológico dos alunos, aqueles que, na maioria dos casos, não tem vínculo afetivo por parte de seus familiares. Por isso, esta construção entre professor e aluno é primordial para o desenvolvimento do educando”.

Podemos perceber que a professora 01 e 02 enfatizou em sua resposta que a afetividade no processo de ensino – aprendizagem se baseia na troca de emoções e experiências, carinho, respeito e cumplicidade, de fato quando a criança é inserida em um contexto social no qual ela não conhece, onde estabelecer esses laços delimita papéis de confiança, liberdade e comportamento, é crucial para o entendimento daquele ambiente da qual está sendo inserida, Amorin e Navarro (2012, p.03) afirmam que

Por isso, a Educação Infantil é considerada parte integrante da educação básica, por ser responsável pela oferta dos primeiros caminhos de formação e socialização da criança fora do círculo familiar, tornando-se a base da aprendizagem, que será responsável por oferecer as condições básicas e necessárias para que a criança sintase segura e protegida.

A professora 03 faz um apontamento que é bastante presente no cotidiano escolar, ela relata que [...] *a afetividade perpassa entre a prática pedagógica atingindo o lado emocional e psicológico dos alunos [...] e a professora 2 afirma Essa energia afetiva que direciona e motiva o aluno ao ato de aprender”.*

Nesse sentido as participantes reconhecem que a afetividade deve permear a relação professor aluno em sala de aula, que auxilia no processo de aquisição do conhecimento conforme explicita Wallon (1995) .

Na escola os professores participantes da pesquisa demonstram preocupação com a afetividade, porém Amorin e Navarro cita Chalita (2001, p.23) afirmam que “a família tem como função primordial a de proteção, tendo, sobretudo, potencialidades para dar apoio emocional para a resolução de problemas e conflitos [...]”. Nesse contexto, a participante 3, diz que ao perceber essa falta de apoio no âmbito familiar, afirma que “ [...] *esta construção entre professor e aluno é primordial para o desenvolvimento do educando*”. Cabe lembrar que essas relações entre professores e alunos é benéfico para o desenvolvimento das crianças, pois a escola não é um ambiente restrito a conteúdos programáticos em documentos oficiais, mas é um espaço de troca, de socialização, de brincadeiras, aprender limites, entre outros.

As autoras citam Lisboa (1998, p.63),

“[...] as creches e escolas são de grande importância para desenvolvimento cognitivo e emocional das crianças [...]. Nesses locais, elas têm de aprender a brincar com as outras, respeitar limites, controlar a agressividade, relacionar-se com o adulto e aprender sobre si mesma e seus amigos, tarefa estas de natureza emocional [...]

fundamental para as crianças menores de seis anos é que elas se sintam importantes livres e queridas.”

Sousa (2021) aponta que Wallon defende em seus estudos que é essencial o professor ter conhecimento acerca da afetividade, evidenciando que a emoção é contagiosa, mostrando que o comportamento do aluno influencia na dinâmica da sala de aula e sua postura, enquanto professor deve auxiliar na solução de conflitos, por serem importantes para o processo de ensino-aprendizagem e explicitando que o modo como o professor se põe perante as relações do aluno com o conhecimento e com os outros reflete na aquisição de conhecimento. E a afetividade se torna instrumento para efetivar este processo.

Você acredita ou não, que há uma relação entre afetividade e desenvolvimento cognitivo? Explique.

Professora 01: “Acredito que sim, a afetividade favorece o desenvolvimento cognitivo da criança; estimula o desenvolvimento da aprendizagem e da autonomia; por isso, ela deve ser amada e respeitada para que possa se expressar e se desenvolver”.

Professora 02: “Sim, pois a afetividade potencializa o trabalho na Educação Infantil, principalmente em projeto onde se trabalha a questão de valores, amizade, respeito e convivência social entre os alunos; fazendo com que aprendam através dos sentimentos das emoções e das experiências que são trocadas na interação com o outro”.

Professora 03: “Um estudioso muito conhecido na área da educação, Wallon, traz uma abordagem que acho muito significativa: ‘professores e alunos são mutuamente afetados no processo de formação, onde desenvolvimento cognitivo é, também, ampliação dos afetos e da capacidade de expressar sentimentos. O desafio do afeto é compartilhado entre todos os sujeitos no ambiente escolar’”.

Percebe-se então, que a afetividade é considerada como um combustível para a cognição, visto que a cognição é o motor para aprendizagem. Nesse sentido, a afetividade não fica limitada às emoções e sentimentos, mas envolve desejos e tendências, pois para que um indivíduo aja em direção a sua meta é necessário haver um desejo que movimente a isso (Oliveira, 2017).

Porém, é importante delimitar algumas diferenças encontradas nas respostas que as tornam singulares.

A professora 01 citou o desenvolvimento da autonomia, fator que é bastante valorizado para ensinar a uma criança, principalmente no ambiente escolar, onde ela recebe estímulos para desenvolver essa habilidade, se tornar um ser independente no qual consiga realizar funções básicas sozinhas. E esse feito só é possível alcançar positivamente com relações afetivas com

base no respeito, pois “o educador infantil deverá estar consciente do seu papel e da sua importância nesse processo, pois, junto com os pais, os professores são responsáveis pelo encorajamento ao crescimento e desenvolvimento integral das crianças” (Amorin e Navarro, 2012, p.05)

A professora 02, acredita que a afetividade tem relações com o desenvolvimento cognitivo pois potencializa o trabalho na educação infantil com a aprendizagem de valores, sendo importante ensinar aos alunos conceitos de respeito e limites, proporcionando uma oportunidade de construir laços afetivos ao abordar esses assuntos.

De acordo com Amorin e Navarro (2012, p.6)

O afeto do professor e a sua sensibilidade irão influenciar na maneira de agir de seus alunos, pois quando a criança nota que o professor gosta dela, e que esse educador apresenta certas qualidades como paciência, dedicação, vontade de ajudar e atitudes democráticas, a aprendizagem torna-se mais facilitada. Por essa razão, se não existir os aspectos afetivos na relação educador-educando, correremos o risco de estar somente focando na construção do real, do conhecimento, deixando de lado o trabalho da constituição do ser humano, que envolve valores e o próprio caráter necessário para o desenvolvimento integral da criança

Amorin e Navarro (2012, p.04) citam Wallon para reforçar a relação da afetividade e o desenvolvimento cognitivo com

Segundo Wallon (1995), a criança na pré - escola “[...] atribui a emoção como os sentimentos, desejos e manifestações da vida afetiva, demonstra os sentimentos como um papel fundamental no processo de desenvolvimento humano.” As emoções, para Wallon, possuem um papel fundamental para o desenvolvimento da pessoa. É por meio delas que a criança mostra seus desejos e suas vontades, enfatizando que a afetividade é um dos principais elementos para o desenvolvimento humano. Por isso, podemos perceber que a afetividade e a cognição são inseparáveis, pois, de acordo com as ideias de Piaget “não existe estados afetivos sem elementos cognitivos, assim como não existem, comportamentos puramente cognitivos.”

A professora 03, trouxe a contribuição de Henry Wallon em que a afetividade e o desenvolvimento cognitivo são afetados pela relação professor / aluno, no qual é a ampliação dos afetos e da capacidade de expressar sentimentos. Amorin e Navarro diz que na perspectiva de Vygotsky (1998, p. 42):

A afetividade é um elemento cultural que faz com que tenha peculiaridades de acordo com cada cultura. Elemento importante em todas as etapas da vida da pessoa, a afetividade tem relevância fundamental no processo ensino aprendizagem no que diz respeito à motivação, avaliação e relação-professor e aluno. (Amorin e Navarro, 2012, p.04)

Outro aspecto importante mencionar que a professora 03 citou e que as outras professoras não citaram foi que o professor também é afetado entre essas trocas, onde é

importante dizer que não é só os alunos que adquirem novos conhecimentos e comportamentos quando inseridos no ambiente escolar, mas o professor também é acarretado de novas transformações ao lidar com cada aluno que possui sua particularidade e hábito. E ser envolvido nesse processo é gratificante, pois

Sendo assim, o amor e o afeto tornam-se a solução para a educação através da valorização do aluno como sujeito da educação. Acreditamos em uma educação mais humana que adote uma pedagogia do amor, que influencie em nossas famílias, escolas e salas de aulas, onde possa favorecer em novos conhecimentos, novos desafios e novas conquistas através do afeto levar o educador e a criança a desenvolver-se através da afetividade. (Amorin e Navarro, 2012, p.6)

O estudo com esse grupo de professoras possibilitou perceber que a afetividade é um tema importante e deve estar presente em suas práticas pedagógicas, pois elas reconhecem que a afetividade facilita o processo de ensino e aprendizagem devido poder motivar o aluno e aproxima-los da professora criando vínculos e proporcionando segurança no processo de aprendizagem.

Podemos considerar ainda que as participantes concordam que desenvolver laços afetivos com seus alunos, pode favorecer o desenvolvimento das crianças, valorizando sua autonomia, concepções de valores e sua capacidade de se expressar. Portanto, nesse grupo pesquisado foi possível perceber que as docentes compreendem a importância da afetividade entre professores - alunos e buscam desenvolver esses laços afetivos que podem contribuir com o desenvolvimento do aluno.

5 CONCLUSÃO

A pesquisa apontou que a temática afetividade estabelece uma relação de importância dos vínculos afetivos entre professor e aluno para a construção da aprendizagem é lícito dizer que os vínculos afetivos estabelecidos entre docente e discente é de fundamental para a construção da aprendizagem e o sucesso do aluno na escola.

Alguns autores consideram também que esses vínculos são responsáveis pela permanência da criança na escola e pela garantia de aprendizagens significativas.

A afetividade é uma dimensão presente nos processos interativos, nas dinâmicas e na interação social, sendo fundamental na apropriação de novos conhecimentos, onde tais interações necessitam estar carregadas de afetividade, pois exercem influência na aprendizagem.

A construção de vínculos afetivos entre professores e alunos permite auxiliar nos processos internos do indivíduo, com o objetivo de desenvolver a relação com o ambiente social e cultural em que os mesmos encontram – se inseridos, iniciando relações de respeito e confiança.

Acredita-se que, no desenvolvimento das crianças, a afetividade, a motricidade, o cognitivo e o social desempenham papéis de extrema importância. Constata-se, na teoria e na prática, que o processo ensino-aprendizagem é um fenômeno complexo, onde diversos fatores de ordem social, política e econômica interferem na dinâmica da sala de aula.

Nesse sentido, vale lembrar que os professores, juntamente com a equipe escolar, devem participar constantemente de capacitações, no intuito de refletir sobre suas práticas e atualizarem-se com estudos relacionados às crianças da faixa etárias em que se dedicam profissionalmente.

Vale destacar que a relação afetiva entre professor e aluno é elemento chave que conduzirá alunos ao sucesso ou fracasso, de acordo com desenvolvimento do seu trabalho pedagógico.

Cabe, então, que educadores, atuantes na Educação Infantil e nos anos iniciais do Ensino Fundamental, reflitam, constantemente, no seu papel e ações que se relacionam diretamente com os alunos, para que possam conscientizar-se do processo de construção de conhecimentos de seus educandos e na constituição destes como pessoas.

REFERÊNCIAS

- AMORIM, Márcia Camila Souza de; NAVARRO, Elaine Cristina. Afetividade na Educação Infantil. **Revista Eletrônica da Univar**, [S. I], v. 7, p. 1-7, 2012. Disponível em: https://scholar.google.com.br/scholar?hl=pt-BR&as_sdt=0%2C5&q=afetividade+na+educa%C3%A7%C3%A3o+infantil&oq=#d=gs_qabs&t=1670188788582&u=%23p%3DigiJi1I13OIJ. Acesso em: 27 nov. 2023.
- AZEVEDO, Gislaíne; SARAT, Magda. **HISTÓRIA DA INFÂNCIA NO BRASIL: contribuições do processo civilizador. CONTRIBUIÇÕES DO PROCESSO CIVILIZADOR**. 2015. Disponível em: <https://ojs.ufgd.edu.br/index.php/educacao/article/view/5176>. Acesso em: 03 abr. 2023.
- BRASIL. Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional, LDB. 9394/1996. BRASIL.
- COELHO, V.A.C; MARCO, A. de; TOLOCKA, R.E. **Marcos de desenvolvimento motor na primeira infância e profissionais da educação infantil**. Rev Bras Educ Fís Esporte, (São Paulo) 2019.
- DALFOVO, Michael Samir; LANA, Rogério Adilson; SILVEIRA, Amélia. Métodos quantitativos e qualitativos: um resgate teórico. *Revista Interdisciplinar Científica Aplicada*, Blumenau, v.2, n.4, p.01-13, Sem II. 2008. Disponível em: <https://portaldeperiodicos.animaeducacao.com.br/index.php/rica/article/view/17591/11376>. Acesso em: 27 nov. 2023.
- ESTATUTO DA CRIANÇA E DO ADOLESCENTE: Lei federal nº 8069, de 13 de julho de 1990. Rio de Janeiro: Imprensa Oficial, 2002. BRASIL
- FERREIRA, Aurélio Buarque de Holanda. **Dicionário Eletrônico Aurélio Século XXI**. Rio de Janeiro: Editora Nova Fronteira e Lexikon Informática, 1999.
- FERREIRA, Aurino Lima; ACIOLY-RÉGNIER, Nadja Maria. **Contribuições de Henri Wallon à relação cognição e afetividade na educação**. 2010. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/er/a/9jbsbrcX4GygcRr3BDF98GL/?lang=pt&format=pdf>. Acesso em: 19 jun. 2023.
- FILIPIM, P. V. de S.; ROSSI, E. R.; RODRIGUES, E. História da institucionalização da educação infantil: dos espaços de assistência à obrigatoriedade de ensino (1875-2013). **Revista HISTEDBR On-line**, Campinas, SP, v. 17, n. 2, p. 605–620, 2017. DOI: 10.20396/rho.v17i2.8650411. Disponível em: <https://periodicos.sbu.unicamp.br/ojs/index.php/histedbr/article/view/8650411>. Acesso em: 23 maio. 2023.
- GIL, Antônio Carlos. **Como Elaborar projetos de pesquisa**. 4. ed. São Paulo: Atlas, 2002. 173 p.
- LAKATOS, Eva Maria; MARCONI, Marina de Andrade. **Metodologia científica**. 22. ed. São Paulo: Atlas, 2013.

KRUEGER, Magrit Froehlich. **A RELEVÂNCIA DA AFETIVIDADE NA EDUCAÇÃO INFANTIL**. Disponível em: http://nuted.ufrgs.br/oa/pi/html/afetiv_edinf.pdf. Acesso em: 18 jun. 2023.

LINHARES, Juliana Magalhães. **História Social da Infância**. In: CEARÁ. Secretaria de Estado da Educação.

MAGALHÃES, C. M. A história da atenção à criança e da infância no Brasil e o surgimento da creche e da pré-escola. **Revista Linhas**, Florianópolis, v. 18, n. 38, p. 81 - 142, 2017. Disponível em: <https://www.revistas.udesc.br/index.php/linhas/article/view/1984723818382017081>. Acesso em: 23 maio. 2023.

MARCILIO, Maria Luiza. **A roda dos expostos e a criança abandonada na História do Brasil**. In: FREITAS, Marcos Cezar. **História Social da Infância no Brasil**. 5. Ed. São Paulo: Cortez, 2003.

OLIVEIRA, Gislene de Campos. **Psicomotricidade: Educação e reeducação num enfoque psicopedagógico**. Petrópolis, RJ. Editora Vozes, 2017.

PASCHOAL, Jaqueline Delgado; MACHADO, Maria Cristina Gomes. A História da Educação Infantil no Brasil: avanços, retrocessos e desafios dessa modalidade educacional. **Histedbr**, Campinas, n. 33, p. 78-95, 0 mar. 2009. Disponível em: <https://periodicos.sbu.unicamp.br/ojs/index.php/histedbr/article/view/8639555>. Acesso em: 06 jun. 2023.

PESSOA, Vilmarise Sabim. **Afetividade sob a ótica psicanalítica e piagetiana**. 2000. Disponível em: <https://revistas.uepg.br/index.php/sociais/article/download/2731/2016/7395>. Acesso em: 19 jun. 2023

PRIORE, Mary del. **História das Crianças no Brasil**. 7. ed. São Paulo: Editora Contexto, 2010

RIBEIRO, Paulo Rennes Marçal. **HISTÓRIA DA SAÚDE MENTAL INFANTIL: a criança brasileira da colônia à república velha. A CRIANÇA BRASILEIRA DA COLÔNIA À REPÚBLICA VELHA**. 2006. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/pe/a/GjFSBSrN6CLgwN9k74t7YFr/abstract/?lang=pt>. Acesso em: 03 abr. 2023.

SANTOS, Letícia Rodrigues; ANDRADE, Elisângela Ladeira de Moura; FERNANDES, Juliana Cristina da Costa; LIMA, Emmanuela Ferreira de. As contribuições da Teoria da Aprendizagem de Lev Vygotsky para o desenvolvimento da competência em informação. **Revista Brasileira de Biblioteconomia e Documentação**, São Paulo, v. 17, p. 1-15, 2021. Disponível em: <https://brapci.inf.br/index.php/res/download/169462>. Acesso em: 19 jun. 2023.

SAÚDE, Ministério da. **UNICEF**. Disponível em: https://help.unicef.org/ggl-drtv?language=pt-br&gad=1&gclid=CjwKCAjwsvujBhAXEiW-U_XnAMDZWpWavImeeIbub751Y96W9gcUsIKFTJ4cqBurb1W-U_EvpL-PLBoCEr8QAvD_BwE. Acesso em: 06 jun. 2023.

SOUSA, Angélica Silva de; OLIVEIRA, Guilherme Saramago de; ALVES, Laís Hilário. A pesquisa bibliográfica: princípios e fundamentos. **Cadernos da Fucamp**, Monte Carmelo, Mg, v. 20, n. 43, p. 64-83, 2021. Disponível em: <https://revistas.fucamp.edu.br/index.php/cadernos/article/view/2336/1441>. Acesso em: 15 nov. 2023.

WALLON, Henri. A evolução psicológica da criança. Lisboa: Edições 70, 1995.

APÊNDICE

QUESTIONÁRIO

Discente: Ana Laura dos Santos Mascote

Orientadora: Profa. Dra. Fatima A. C Gonini

Título do trabalho: A Afetividade na Educação Infantil

ROTEIRO DE QUESTIONÁRIO – Professoras da Educação Infantil

Curso: Licenciatura em Pedagogia

IDENTIFICAÇÃO

Nome:

Idade:

Gênero:

FORMAÇÃO

Graduação: _____

Tempo de formada: _____

Cargo ou função atual: _____

Instituição em que atua: Pública () Privada () Qual etapa? _____

Quanto tempo exerce a profissão? _____

Tem mais de uma graduação? Qual? _____

Tem especialização? Qual? _____

QUESTÕES DA PESQUISA

1. Como você compreende a afetividade?

2. A afetividade está presente em sua prática pedagógica/sala de aula? Explique.

3. Qual é a contribuição da afetividade no processo de ensino/aprendizagem?

4. Você acredita ou não, que há uma relação entre afetividade e desenvolvimento cognitivo? Explique

TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO

Eu,

RG.....

....., CPFparticipo de livre e espontânea vontade da pesquisa intitulada “*A Afetividade na Educação Infantil*”, realizada por Ana Laura dos Santos Mascote (discente) e Fatima A. C. Gonini (orientadora) cujos objetivos são: *Compreender a relevância da afetividade na educação infantil, na relação professor e aluno e no processo de aprendizagem.*

Estou ciente da preservação dos dados pessoais, seguindo a ética na pesquisa acadêmica.

Ituverava,dede 2023.

Assinatura da/do participante